

## Diálogo entre escola e cidade: experiências estéticas com patrimônio cultural

**Tânia Maria de Sousa França<sup>i</sup>** 

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Iguatu, CE, Brasil

**Gardner de Andrade Arrais<sup>ii</sup>** 

Universidade Federal do Piauí (UFPI), Picos, PI, Brasil

**José Álbio Moreira de Sales<sup>iii</sup>** 

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, CE, Brasil

1

### Resumo

Vivemos em uma sociedade que estimula o desligamento das raízes culturais, tendo como consequência a diluição de tudo o que é subjetivo, afetivo, sensível. A escola, a cidade e o patrimônio cultural, nesse cenário, encontram dificuldade em estabelecer relações. Com base nessa realidade e como contraponto defendemos a necessidade de diálogo, que ao invés de isolar, separar e reduzir, seja capaz de distinguir e unir, exercitando a (re)ligação, que conduz a compreensão dos múltiplos sentidos envolvidos nessa relação. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a necessidade de diálogo em uma perspectiva de (re)ligação entre arte, cidade e patrimônio nos espaços escolares. A pesquisa é do tipo bibliográfica, na qual os autores a partir de discussões sobre as temáticas elegem as categorias e fontes teóricas. Conclui-se que a comunidade escolar necessita romper com preconceitos e avançar para uma educação estética que tenha o Patrimônio cultural da cidade como mediador.

**Palavras-chave:** Educação Estética. Experiência Estética. Patrimônio Cultural. Cidade.

### Dialogue between school and city: aesthetic experiences with cultural heritage

### Abstract

We live in a society that legitimates the disposable, encouraging the disconnection of cultural roots, with the consequence of diluting everything that is subjective, affective, sensitive. The school, the city and the cultural heritage, in this scenario, find it difficult to establish relationships. Based on this reality and as a counterpoint, we defend the need for dialogue, which instead of isolating, separating and reducing, is capable of distinguishing and uniting, exercising the (re)connection, which leads to the understanding of the multiple meanings involved in this relationship. In this sense, this work aims to theoretically reflect on the need for dialogue in a perspective of (re)linking art, city and heritage in school spaces. The research is of the bibliographic type. It is concluded that the school community needs to break with prejudice and advance towards an aesthetic education that has the city's cultural heritage as a mediator.

**Keywords:** Aesthetic Education. Aesthetic Experience. Cultural heritage. City.

## 1 Introdução

Em Ercília, para estabelecer as ligações que orientam a vida da cidade, os habitantes estendem fios entre as arestas das casas, brancos ou pretos ou cinza ou pretos e brancos, de acordo com as relações de parentesco, troca, autoridade, representação. Quando os fios são tantos que não se pode mais atravessar, os habitantes vão embora: as casas são desmontadas; restam apenas os fios e os sustentáculos dos fios (CALVINO, 2012, p. 72).

2

Pretendemos neste artigo apresentar reflexões sobre a necessidade de diálogo entre escola e cidade com a mediação do patrimônio cultural, buscando estender fios diversos em uma perspectiva de (re)ligação, como diz Calvino na epígrafe, para viabilizar uma apreensão estética da cidade e apontar alternativas de sustentabilidade do patrimônio cultural. O estudo tem como inspiração as discussões sobre Educação Estética e Patrimônio Cultural no contexto do ensino de Arte, desenvolvidas no grupo de pesquisa Investigação em Arte, Ensino e História – IARTEH, vinculado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Ceará-UECE, do qual fazemos parte.

Partimos do pressuposto que a sociedade contemporânea é constituída de sujeitos imediatistas, que vêem o patrimônio como algo descartável, o que estimula o abandono das raízes culturais. A fragmentação, dentro deste contexto, ocorre em muitos aspectos. Um exemplo dessa fragmentação é a desvinculação entre a escola e a cidade como patrimônio, como se a escola não estivesse inserida na cidade, na vida dos sujeitos e sua cultura. Em contraposição a estes modos de ser e estar no mundo surge a necessidade de defesa de um diálogo, que ao invés de isolar, separar e reduzir, seja capaz de distinguir e unir, exercitando a (re)ligação que conduz à compreensão dos múltiplos sentidos envolvidos nessa relação.

Morin (2002) corrobora com essa ideia quando aponta que o saber fragmentado não oferece sentido, nem estimula o interesse, necessitando de um pensar complexo para que o saber se torne objeto de interesse, que tenha sentido. O que seria então esse pensar complexo? Diz o mesmo autor que “a palavra *complexus* significa ‘o que está ligado, o que está tecido’” (MORIN, 2002, p. 564). Assim, o pensamento complexo é um pensar capaz de unir e diferenciar, porque o

(re), de (re)ligação, na perspectiva de Morin, abre espaço para a potência criativa, como ele mesmo anota:

[...] o RE deve ser compreendido não só segundo a redução igualitária do mesmo mas também em termos de produção de alteridade. Deve ser concebido não só em termos de repetição e de cópias, mas em termos de complexidade reorganizadora, regeneradora, reprodutora [...]. A partir daí, o termo aparentemente mais redutor de todos (o mesmo) revela-nos o seu rosto criador (MORIN, 2002, p. 387).

3

Esta reflexão aponta para o desenvolvimento do potencial criador, que pode acontecer também no diálogo entre escola e cidade, mediado pelo patrimônio cultural. Argumentamos, então, que as práticas escolares, ao estabelecerem fios que vão (re)ligar os diferentes e suas experiências é necessário que seja de modo criativo e dialógico. A criação é um processo que provém da entrega de cada criador ao vivido, experienciado, alimentando a certeza de que somos capazes de criar algo, transgredir no momento que existe uma disponibilidade interior para que isso aconteça. Segundo Ostrower (1995, p. 247):

O potencial criador não é outra coisa senão esta disponibilidade interior, esta plena entrega de si e a presença total naquilo que se faz. Ela vem acompanhada do senso maravilhoso, da eterna surpresa com as coisas que renovam no cotidiano [...] É nossa sensibilidade viva, vibrante.

A criatividade que pode emergir desse diálogo, requer um processo educativo aberto, dialógico, em sentido freireano, em relações de horizontalidade, democráticas, de modo que um saber não se sobreponha ao outro, pois como afirma Freire (1987, p. 68), "Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes". Compreendemos, portanto, que para que esse diálogo criativo se faça não pode ser a partir de um ensino compartimentalizado, mas de uma disponibilidade para abrir compartimentos, realizar conexões, religações, ou seja, reinventar o mundo.

Este texto está organizado em uma introdução, seguida de três tópicos – Metodologia, que apresenta a metodologia de pesquisa e o referencial teórico básico; Resultados e discussão, subdividido em "Cidade e patrimônio cultural", no qual situamos a cidade como espaço de experiência estética; "A escola como

mediadora e propulsora de experiências estéticas”, que aponta a escola como propositora de caminhos para uma percepção estética da cidade como patrimônio cultural; e “Abordagem Triangular: um fio de possibilidades para o diálogo”, no qual se propõe um caminho metodológico para o trabalho com o patrimônio da cidade.

## 2 Metodologia

4

Com o amparo nas ideias de Freire (1997), Duarte Júnior (2009), Galvani (2005), Argan (2005), Morin (2002), dentre outros é que formulamos este escrito, que adotou como metodologia a pesquisa bibliográfica, ancorado na abordagem qualitativa. Os elementos iniciais desta reflexão foram gestados em diálogos sobre algumas experiências de pesquisa de formação continuada de projetos individuais dos autores e foram elas que nos conduziram ao recorte para as discussões desta reflexão/investigação, tornando possível a eleição das principais categorias de análise e das fontes teóricas básicas que trazemos para a discussão, destacando-se: cidade e patrimônio cultural, escola e experiência estética e a abordagem triangular como elemento de confluência teórico-prática para atravessar essas discussões.

Os elementos teóricos e metodológicos que compõem este escrito estão inseridos em projeto mais amplo, denominado “Educação estética e patrimônio cultural no contexto do ensino de Arte”, que foi implementado através de uma pesquisa-ação envolvendo professores da cidade de Viçosa no Ceará.

## 3 Resultados e Discussões

### 3.1 Cidade e Patrimônio Cultural

Iniciemos com a ideia de Bonfim (2010, p. 66) de que “A cidade é o lugar dos encontros, da intersubjetividade, da formação de relações, pois os indivíduos nunca se afetam sozinhos”. Neste sentido, para iniciarmos uma discussão sobre cidade e Patrimônio Cultural é relevante pensarmos como as cidades são

organizadas e como vamos fazendo parte desse organismo, porque isso interfere na forma como nos relacionamos com ela e produzimos cultura a partir dela, pois como ensina a mesma autora “os bons encontros na cidade não estão definidos a priori, eles vão sendo delimitados de acordo com a multidimensionalidade dos espaços da cidade” (p. 67).

Podemos dizer, então, que a maneira como o homem relaciona-se com a cidade transparece no seu cotidiano e como diz Michel de Certeau (2003) apenas as pessoas são capazes de criar uma cidade. Deprendemos daí que a cidade é consequência do pensamento e do relacionamento dos sujeitos com o espaço exterior. Nesse íterim as representações dos indivíduos em relação ao patrimônio circundante são a via de auto entendimento, de apreensão dos contextos e do patrimônio.

Este mesmo autor chama atenção para analisar as ações cotidianas fundadas nos sentidos corporais e reflete sobre algumas dessas ações: morar, caminhar, conversar, comer, ver, cheirar, tocar e trabalhar. A sua reflexão enfoca em como essas ações estão se tornando rotineiras, sem significados, sem sentido, até mecânicas, porque muitas vezes vamos de um canto a outro da cidade sem olhar o que está no meio do caminho, como reflete Galvani (2005, p. 150):

Todas essas experiências são impossíveis de serem vividas quando os corpos permanecem sentados em automóveis, ônibus e metrô. As pessoas não passeiam mais pelas cidades, elas passam pelas cidades dentro dos transportes para chegar a algum lugar.

Com base na premissa de que a arte também atravessa a cidade em suas variadas manifestações, recorreremos a uma compreensão de patrimônio vinculado a essas expressões da arte produzidas com a cidade. Nessa ótica, a cidade, do ponto de vista físico, é percebida como palco dos fenômenos artísticos e do ponto de vista social como parte destes fenômenos, produto da criatividade humana. Com suporte neste entendimento da relação entre arte e cidade, essa última é considerada espaço de educação estética, um convite ao passeio.

Completando essa reflexão trazemos a ideia de Ítalo Calvino, por meio da obra *Cidades invisíveis* (2012), de que cada cidade é construída dependendo de quem a olha, gerando assim muitas cidades dentro de uma mesma cidade, a partir de um elemento importante que é a memória, porque como ele mesmo diz

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata [...] Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (CALVINO, 2012, p. 14).

Nesta perspectiva é igualmente urgente compreendermos o fenômeno educativo que ocorre fora da escola, na cidade, porque “a educação não ocorre apenas nos espaços de educação formal, mas ela resulta das experiências vivenciadas em todos os espaços da cidade”, como afirma Pacheco (2004, p. 13), ou seja, “a cidade é cultura, criação, não só pelo que fazemos nela e dela, pelo que criamos nela e com ela, mas também é cultura pela própria mirada estética ou de espanto, gratuita que lhe damos” (FREIRE, 1997, p. 23).

A ideia de arte como parte da cidade é uma abordagem de História da Arte defendida por Argan (2014), em seu livro “História da arte como história da cidade”. Para o autor a cidade é um produto artístico e espaço do convívio humano, sendo também suporte para diferentes manifestações artísticas. Desta forma, a relação entre homem e espaço gera significações e representações mediadas pela cultura, sem esquecer que o espaço urbano também é um espaço imaginário, pois cada habitante projeta mentalmente nesse último o espaço da própria vida.

Conceituando cidade e descrevendo suas múltiplas e complexas funções, Argan (2014, p. 43) aponta novos caminhos para a abordagem da cultura artística:

[...] por cidade não se deve entender apenas um traçado regular dentro de um espaço, uma distribuição ordenada de funções públicas e privadas, um conjunto de edifícios representativos e utilitários. Tanto como o espaço arquitetônico, com o qual de resto se identifica, o espaço urbano tem seus interiores. São espaço urbano o pórtico da basílica, o pátio e as galerias do palácio público, o interior da igreja. Também são espaço urbano, os ambientes das casas particulares; e o retábulo sobre o altar da igreja, a

decoração do quarto de dormir ou da sala de jantar, até o tipo de roupa e de adornos com que as pessoas andam, representam seu papel na dimensão cênica da cidade.

Nesta perspectiva, podemos apresentar a cidade como um texto (BRESCIANI, 2001) a ser lido, porque é mais do que ruas, casas e praças, contempla algo de subjetivo. Na abordagem histórica a cidade é um texto por ser o espaço urbano um lugar de registros de memórias coletivas.

Com base nessa relação entre arte e cidade é que situamos o Patrimônio Cultural, seja ele material e/ou imaterial, como objeto artístico e de fruição estética. Trata-se este escrito de uma reflexão sobre a necessidade de ampliação do entendimento do que seja patrimônio, passando a reconhecer a sua importância para preservação da memória e da identidade cultural de grupos sociais e seus espaços. Nesse sentido, apontamos a escola como um lugar que pode proporcionar experiência estética mediada pelo patrimônio cultural da cidade.

### 3.2 A escola como mediadora e propulsora de experiências estéticas

A escola, em uma perspectiva emancipadora, tem o compromisso social de ir além da simples transmissão do conhecimento sistematizado, tendo a função básica de garantir aprendizagens significativas que possam mobilizar o aluno a pensar, refletir, estabelecer relações e argumentar. Assim, ela é compreendida dentro deste contexto como o espaço mais legítimo para uma reflexão crítica sobre arte, cidade e patrimônio cultural, tendo a possibilidade de contribuir com o redimensionamento da preservação do patrimônio cultural, da sua abrangência e do seu significado.

Para isso, considerar os sujeitos com todo o seu repertório de experiências e com suas necessidades é essencial para uma educação que caminhe na direção da formação humana.

Uma das necessidades prementes a uma educação como formação humana é a presença da arte, considerando que todo ser humano expressa-se através da arte e que ao longo da história ela esteve presente como manifestação que traduz o

cotidiano de diversas civilizações. A arte, portanto, é patrimônio inalienável gravado no inconsciente coletivo e expressa-se inevitavelmente em todas as épocas.

Nesse ponto é que a escola entra em cena como uma das responsáveis pela educação estética dos sujeitos. Educação estética entendida como um processo educativo em que o sujeito em experiência direta com arte torna-se capaz de compreender e construir significados a partir dos bens produzidos artisticamente pela humanidade, a fim de compreender-se e compreender o Outro. Nesse sentido, um dos desafios da escola é relacionar o patrimônio cultural da cidade ao cotidiano dos sujeitos, transformar o olhar sobre a cidade. Para Meira (2011, p. 111):

O desafio da educação estética é fazer com que a arte deixe de ser uma disciplina do currículo e se torne algo incorporado à vida do sujeito, que o faça buscar a presença da arte como uma necessidade e um prazer, como fruição ou como produção, porque em ambas a arte promove a experiência criadora da sensibilização.

Não é mais possível pensar em uma educação sem a garantia de uma educação estética, afinal de contas vivemos em uma sociedade eminentemente visual, cercados por um patrimônio cultural que precisa ser valorizado, a fim de construirmos a nossa identidade em comunhão com o Outro.

O patrimônio cultural está em todos os lugares fisicamente, no entanto, nos processos educativos escolares, o desafio é relacioná-lo ao nosso cotidiano, ao nosso quefazer no mundo. À escola cabe o papel de tentar criar contextos de aprendizagem que cumpram a função de integrar o patrimônio ao mundo de vida dos sujeitos significativamente.

A leitura do patrimônio cultural como recurso para o ensino de Arte deve estar contextualizada com o cotidiano dos estudantes. Esta leitura deve ser uma contemplação ativa e não mera passagem despercebida, muito menos uma obrigação sem significado. A imagem como símbolo requer leituras com olhares diversos, frutos de conhecimentos plurais, mediados por um repertório subjetivo e intersubjetivo.

Cabe, então, a escola oportunizar experiências estéticas aos alunos com o intuito de religar arte, cidade e patrimônio. Dewey (2010) ensina que experiência

estética é um tipo que exige de quem está vivenciando a integralidade de seus sentidos. É preciso estar por inteiro. Consequentemente, é necessário que as formas de mediação proporcionem o contato com todas as dimensões da pessoa.

A experiência estética, portanto, solicita uma “mudança na maneira pragmática de se perceber o mundo” (DUARTE JÚNIOR., 2009, p. 33), porque, para que ela ocorra, é necessário um envolvimento total do ser humano com o objeto estético, apreendendo-o de forma direta, aberta, apaixonada, inquiridora, curiosa, crítica. Concordamos, ainda, com Duarte Jr., quando diz que é por meio do sentimento que nos identificamos com o objeto estético e com ele nos tornamos um, porque é o sentir, na instância do sensível, em toda a sua potência, que será capaz de causar uma transformação na forma de o ser humano ver, pensar e agir diante do mundo.

9

### 3.3 Abordagem Triangular: um fio de possibilidades para o diálogo

Uma possibilidade de tessitura entre o patrimônio cultural da cidade e os sujeitos que a experienciam é a Abordagem Triangular, que foi desenvolvida inicialmente por Ana Mae Barbosa. Nessa abordagem a História da Arte é tratada dentro de um contexto, fora da visão meramente cronológica, como parte do meio sociocultural. Sob esse aspecto a Abordagem Triangular traz a imagem e a História da Arte de volta à sala de aula, facilitando o acesso aos conhecimentos artísticos acumulados pela humanidade, apesar das críticas pela diretividade da leitura das obras e a confusão feita sobre a releitura.

Machado (2010) nos chama atenção para percebermos a Abordagem Triangular não como um manual, uma prescrição de como ensinar e aprender arte, mas como um guia que convida à pesquisa, a fazer indagações, a descobrir, a invenção/criação, pelos sujeitos envolvidos no processo. Desta forma trazemos a seguir uma possibilidade de (re)ligação.

Escolha na cidade um patrimônio cultural material ou imaterial e depois experimente a leitura a partir da:

**Contextualização** - momento de trazer dentre outros aspectos a história do patrimônio, o contexto de sua produção e as possíveis relações com a atualidade e com a vida dos sujeitos.

**Apreciação/Fruição** - o convite é para fazermos uma interpretação pessoal da obra já relacionando com o que foi encontrado na contextualização. Para fazer esse exercício podemos buscar amparo no método (con)texto de letramento múltiplos, que corresponde a dizer dos sentimentos após a leitura do texto podendo usar as mais diversas linguagens (CAVALCANTE JÚNIOR, 2001), por meio da indagação: Qual foi meu sentimento ao me encontrar com essa contextualização histórica do patrimônio?

**Fazer artístico** - Nesse eixo o convite da Abordagem Triangular é para produzirmos algo de forma artística da leitura realizada, como se fosse uma síntese, mas de forma criativa, autoral.

#### 4 Considerações finais

Como considerações finais destacamos a importância que se deve dar à escola, através de seus atores. Ela deve ser, mais e mais incentivada a ser percebida como *locus* que fomenta debates, discussões e experiências estéticas, em um movimento de permanentes aprendizagens, tanto por parte do professor, como do aluno, no processo de formar formando-se. Tal iniciativa pretende contribuir para a ampliação do potencial de alcance das ações desenvolvidas pela escola e para a compreensão dos múltiplos sentidos de patrimônio trabalhados nela e por ela.

Ficou também evidente que o estabelecimento de um diálogo que tenha a (re)ligação entre arte, cidade e patrimônio nos espaços escolares como horizonte não é uma tarefa fácil, constituindo-se como um desafio, pois a comunidade escolar necessita, muitas vezes, romper com preconceitos e avançar para uma educação estética que permita perceber o patrimônio cultural como testemunho vivo da herança cultural das gerações passadas, que forma a identidade no presente e que se relaciona com a cidade e com a arte.

Torna-se necessário defender a escola como local mais adequado às ações de (re)ligação do homem ao patrimônio artístico-cultural que o circunda, num processo de educação estética, contribuindo para a formação integral dos sujeitos. Nesse sentido o que levamos de conclusivo é a necessidade da ampliação de diálogos formativos que possibilitem o envolvimento de professores, escola, cidade, experiências estéticas e o patrimônio cultural.

## Referências

ARGAN, G. C. “A história da arte e a cidade” e “Arte e cidade”. In: **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

BOMFIM, Z. Á. C. **Cidade e afetividade**: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BRESCIANI, M. S. (Org). **Palavras da cidade**. Porto Alegre: Editora Universitária UFRS, 2001.

BRASIL. **Decreto Nº 3.551, de 04 de agosto de 2000**. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro e outras providências.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Seção II – da Cultura: Art. 216.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CAVALCANTE JÚNIOR, F. S. **Por uma escola do sujeito**: o método (con)texto de letramento múltiplos. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 2 - morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2003.

DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **O que é beleza**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALVANI, M. A. M. Leitura de imagem: uma interação de olhares entre cidade e escola. **Educação & Realidade** - Dossiê arte e educação: arte, criação e Aprendizagem. v. 30, n. 2, 2005.

MACHADO, R. S. Sobre mapas e bússolas: apontamentos a respeito da abordagem triangular. In: BARBOSA, A. M.; CUNHA, F. P. **Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010. p.64-79.

MEIRA, M. R. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. In: PILAR, A. D. (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

MORIN, E. **A religação dos saberes**. O desafio do século XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

OSTROWER, F. **Acasos e criação artística**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

PACHECO, E. A cidade educando a escola. In: TOLEDO, L. et. al. **Cidade Educadora**: a experiência de Porto Alegre. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire; Buenos Aires: Cidades Educadoras América Latina, 2004.

---

<sup>i</sup> **Tânia Maria de Sousa França**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8931-6295>

Universidade Estadual do Ceará (UECE), campus Faculdade Educação, Ciências e Letras de Iguatu

Professora Assistente da UECE. Doutora e mestra em Educação pelo PPGE/UECE, especialista em Dinâmicas Grupais na Empresa e na Escola pela UNIFOR, graduada em Serviço Social pela UECE e em Pedagogia pela Universidade Metodista, membro do Grupo de Pesquisa IARTEH.

Contribuição de autoria: Pesquisa, escrita e revisão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8735366197079249>

E-mail: [tania.franca@uece.br](mailto:tania.franca@uece.br)

<sup>ii</sup> **Gardner de Andrade Arrais**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2236-6823>

Universidade Federal do Piauí (UFPI), campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza

Professor Adjunto da UFPI. Doutor e Mestre em Educação pelo PPGE/UECE (2018 e 2013). Especialista em Didática pela UECE (2012). Graduado em Pedagogia pela UECE (2011). Licenciado em Arte e Educação pela Faculdade Integrada da Grande Fortaleza (2015).

Contribuição de autoria: Pesquisa, escrita e revisão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1853291086325328>

E-mail: [gardner.arrais@gmail.com](mailto:gardner.arrais@gmail.com)

<sup>iii</sup> **José Albio Moreira de Sales**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2521-6364>

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Professor do PPGE-UECE e do PPGArtes-IFCE. Doutor em História/História da Arte (UFPE), com Pós-Doutorado em Educação (UP, Pt), Bacharel em Arquitetura (UFC) e Licenciado em Arte e Educação (UNIGRAND). Líder do grupo de pesquisa IARTEH (UECE-CNPq).

Contribuição de autoria: Pesquisa, escrita e revisão.

---

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5175762444724772>  
E-mail: [albio.sales@uece.br](mailto:albio.sales@uece.br)

**Editora responsável:** Karla Colares Vasconcelos

**Como citar este artigo (ABNT):**

FRANÇA, Tânia Maria de Sousa; ARRAIS, Gardner de Andrade; SALES, José Álbio Moreira de. Diálogo entre escola e cidade: experiências estéticas com patrimônio cultural. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-13, 2021.